

PSICOLOGIA DO ESPORTE NO BRASIL EM DOIS TEMPOS: uma história contada e uma história a ser contada

Cristianne Almeida Carvalho
Doutoranda em Psicologia Social/Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Professora da Universidade Federal do Maranhão
cristicarv@hotmail.com

Ana Maria Jacó-Vilela
Professora Doutora em Psicologia Social
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
amjaco@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da trajetória de constituição da Psicologia do Esporte (PE) no Brasil. A história contada pela literatura vigente sempre parte de um marco principal, de um “mito de origem”: a participação de João Carvalhaes na seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1958. A PE no Brasil surge em uma realidade liderada pelos saberes da Educação Física e da Medicina Esportiva, voltados para estratégias de controle do corpo e acompanhou esse movimento instrumentalizando-se de teorias, testes e técnicas capazes de diagnosticar e intervir. A metodologia se baseia num registro narrativo, relacionando-se os dados documentais extraídos de periódicos ou fundamentados pelo acervo bibliográfico encontrado. Neste artigo apresentamos fatos que comprovam a existência de práticas psi no cenário da Educação Física nas décadas de 1930 e 1940, constatando que existem informações significativas sobre o começo da História da Psicologia do Esporte no Brasil, o que caracteriza que existe uma história já contada e outra a ser contada.

A Psicologia do Esporte (PE), como especialidade do saber psicológico, ilustra uma faceta da modernidade como o individualismo no esporte quando se estabelece mediante um confronto entre as demandas externas impostas à pessoa (controle do corpo, resultados de rendimento, superação de limites, etc.) e as suas necessidade e limitações internas. Caracterizada por uma interface entre o esporte e as chamadas Ciências do Esporte, composta de disciplinas como Antropologia, Filosofia e Sociologia do Esporte, no que se refere aos aspectos sócio-culturais, somadas à Medicina, Fisiologia e Biomecânica do Esporte, segundo Rubio (2000). Weinberg e Gould (2001, p. 28) a definem como Psicologia do Esporte e do Exercício, afirmando que “[...] é o estudo científico de pessoas e seus comportamentos em atividades esportivas e atividades físicas e a aplicação desse conhecimento [...]”. Compartilham dessa idéia Barreto (2003) e Samulski (2002) e complementam essa definição Rúbio (2003), Rodrigues e Azzi (2007) incluindo além da perspectiva competitiva e de alto rendimento esportivo a iniciação esportiva, as atividades físicas em geral, assim como as atividades em tempo livre e de reabilitação. O presente artigo propõe-se a contar um pouco do percurso de construção dessa prática psi entre as décadas de 1930 a 1940. Para isso, a metodologia se busca relacionar os dados documentais extraídos de periódicos ou fundamentados pelo acervo bibliográfico encontrado em um registro narrativo.

Optamos por expor essa narrativa em dois tempos. O primeiro conta a história encontrada na literatura vigente. Esta sempre parte de um marco principal, de um “mito de origem”: a participação de João Carvalhaes (1917-1976) como psicólogo da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo de 1958. Tal fato teve grande repercussão nacional. O Brasil ganhava seu primeiro título mundial. Somado a isso, conquistava o feito de ser o único país sul-americano a ganhar uma copa fora de seu continente, além de realizar a maior

goleada em finais de copa do mundo até então. É nesse contexto que a literatura sobre o tema registra a primeira participação da psicologia no cenário esportivo.

Denominamos o segundo tempo a uma história a ser contada, pois constatamos, a partir de pesquisas em documentos anteriores a esse período, que existem outras pessoas, fatos e informações significativos sobre os começos relação da Psicologia com o Esporte no Brasil. Tais achados relacionam-se, principalmente, à Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), primeira instituição do gênero no país, criada pelo Exército brasileiro em 1930 e à Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ) criada em 1939 para ser uma escola-padrão de formação do profissional e primeira escola de nível superior. As duas escolas publicaram revistas específicas na sua área, respectivamente a partir de 1932 e 1945 em que há artigos referentes à Psicologia e, mesmo, em alguns momentos, uma Seção de Psicologia.

2 PRIMEIRO TEMPO: uma história contada

Começamos então, a contar um pouco dessa história já conhecida que traz João Carvalhaes (JC) como principal personagem. Paulista de Santa Rita do Passo Quatro em 1935 recebeu habilitação para o magistério em sua cidade natal. Em 1944, já em São Paulo, concluiu o curso de Bacharelado em Ciências Políticas na Escola Livre de Sociologia. João Carvalhaes (JC) ou professor Carvalhaes, como era conhecido, obteve registro profissional em outros dois campos, Jornalismo e Psicologia. Em ambos, seu interesse nos anos 1950 passou a ser mediado pelo esporte. No jornalismo, dedicava-se a publicar artigos sobre o boxe, usando o pseudônimo de João do Ringue. Na Psicologia, sua experiência profissional se inicia nas empresas, direcionando-se para psicotécnica e seleção de pessoal. Segundo Costa (2006), Carvalhaes ocupa de 1942 a 1946 os cargos de Escriturário e depois, encarregado do Setor de Seleção de Pessoal na *Light & Power*. Lá, executou, a título experimental, trabalhos relativos à aplicação de testes de nível mental, de interesses e de personalidade. Depois trabalhou inicialmente como Assistente Técnico da Divisão de Psicologia e Formação Profissional na CMTC (1947-1970), uma Companhia de transportes da cidade de São Paulo. Era o responsável pelos testes de admissão de motoristas e cobradores e também chegou a ser Chefe da Divisão de Higiene e Segurança do Trabalho do Departamento Médico dessa empresa.

O mundo vivia um período pós-revolução industrial, marcado por avanços científicos, tecnológicos e novas exigências à mão-de-obra trabalhadora. Nos meios de comunicação brasileira, ocorre o advento das transmissões de televisão. Na política espacial a URSS envia o primeiro satélite para o espaço, o Sputnik I. A Segunda Guerra mundial ainda deixava resquícios, mas a Europa já vivia os conflitos entre os ideais capitalista e socialista, que deram origem à Guerra Fria.

Na década de 50, a nação brasileira viveu o fim da Era Vargas, incluindo seu suicídio em 1954, e o ousado e polêmico governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961). O Brasil sofreu com a depressão econômica do pós-guerra que, segundo Skidmore (2007), demonstrou ao país que não havia outro caminho, senão a industrialização, para que se transformasse em uma potencia mundial. Mas esse percurso não foi fácil. Uma instabilidade econômica com índices inflacionários crescentes ocupou os cenários políticos e econômicos dessa época. Economicamente, é na primeira fase da Era Vargas (1930-1945) que o Brasil inicia seu processo de industrialização, onde não havia um apoio maciço das classes sociais, exceção feita aos militares, que visavam garantir uma indústria siderúrgica no país em prol da defesa nacional.

O Brasil tentava avançar em seu processo de desenvolvimento industrial e a mão-de-obra qualificada se fazia necessária, razão pela qual os conhecimentos e a experiência de JC

no âmbito da psicologia do trabalho foram necessários para atender uma demanda social de seleção de pessoas no âmbito industrial. Tal experiência lhe serviu para transitar no mundo esportivo, onde a seleção de atletas capazes e adequados à sua função também já se fazia necessária. Assim, ainda nessa década (1954-1959), na Federação Paulista de Futebol, JC aplicou seus conhecimentos de psicotécnica à realidade esportiva, implantando uma unidade de seleção para árbitros de futebol, atuando também na preparação psicológica destes e junto à Seleção Brasileira de Futebol (WAENY; AZEVEDO, 2006). No mesmo período prestou serviços de avaliação psicológica no São Paulo Futebol Clube, utilizando testes de inteligência, personalidade e de habilidades específicas afim de melhor orientar os atletas para suas atividades.

Com um olhar linear voltado à origem, corremos o risco de avaliar sua atuação como decorrente de sua genialidade. Mas não podemos reificar o passado. Ao contrário do que ingenuamente possamos imaginar em um primeiro momento, a experiência de João Carvalhaes não foi tranquila. A repercussão foi controversa, houve tanto aceitação e reconhecimento, quanto resistência e estranhamento por parte de dirigentes esportivos e da mídia, como ilustram as manchetes de alguns jornais da época: “Não há jururus na seleção... Carvalhaes, peça útil na máquina da seleção”. “Como a psicologia ajudou o Brasil a ganhar a Copa de 1958? Psicologia ganha jogo? O Brasil se fez pela 1ª vez a pergunta em 1958 e concluiu que sim”. “A seleção seria campeã sem ‘doidões’ como Pelé, Garrincha, Gilmar?” (GERINGHER, 1958).

Por parte de alguns atletas os temores decorriam da expectativa que a avaliação de JC indicasse os mais inseguros em momentos decisivos e pudesse interferir na escalação do time. Apesar disso, Carvalhaes continuou atuante na psicologia. Além da publicação de artigos esportivos, ministrou palestras sobre a Psicologia dos esportes, participou de vários eventos nacionais e internacionais, além de participar da Sociedade de Psicologia de São Paulo.

Dáí em diante, o que observamos é a participação da psicologia no mundo da prática esportiva como um reflexo da atuação de JC: foi ganhando espaço década a década, em outras modalidades, mas sempre sujeita a aceitações e resistências. No cenário atual, 50 anos após essa reconhecida participação de JC no futebol brasileiro, ainda não se pode dizer que a Psicologia do Esporte é um campo reconhecido nesse universo. Mas com certeza podemos afirmar que existe uma psicologia a.C (antes de Carvalhaes) e d.C (depois de Carvalhaes). Vamos nos deter um pouco a.C.

3. SEGUNDO TEMPO: uma história a ser contada

Sem dúvida a participação de JC no futebol e em São Paulo foi marcante à época não só para a mídia ou para o cenário esportivo, mas para a psicologia, que nos anos 1950 ainda não estava regulamentada como profissão. No entanto, parece que sua atuação foi isolada, pois não há relatos sobre a presença de outras pessoas ou de ações semelhantes a essa em outros lugares no Brasil. Duvidando dessa ausência, perguntamo-nos sobre a existência de outros profissionais inseridos no âmbito esportivo. De alguma maneira, esse encontro entre a psicologia e a prática de atividade física deveria já ter começado a se construir para que JC pudesse ocupar um lugar de destaque, senão pensamos que este se deve a alguma forma de genialidade. Tais questionamentos motivaram a busca de informações sobre a inserção da psicologia no universo esportivo no Brasil, vez que no mundo, a bibliografia indica que os primeiros indícios do surgimento da PE dividem-se entre a Europa e os EUA no fim do século XIX, com ênfase nos estudos norte-americanos (RÚBIO, 2000). De acordo com Weinberg e Gould (2001) os primeiros registros da PE datam do fim do século XIX em 1890 na América do Norte com os estudos sobre motivação no ciclismo.

Partimos das seguintes questões: a atuação de JC é um exemplo concreto de prática psi no esporte, mas ele teria sido o único nesse processo de inserção da psicologia na atividade esportiva? Como entendemos que existe um processo de construção de práticas que requerem certo tempo para ganharem espaço e consistência para de fato se consolidarem, haveria relações anteriores entre a psicologia e o esporte?

Os periódicos da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) e da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ) datados de 1932 e 1945, respectivamente, resultaram dessa busca. Daqui por diante, para não confundir o leitor adotaremos os nomes Revista do Exército para referências relativas à Revista da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx fundada em 1932) e Revista da UFRJ para a da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), fundada em 1945.

O discurso sobre a importância da atuação do psicólogo junto às equipes esportistas (atletas, treinadores e dirigentes) já aparecia com clareza nos anos 1950, mas começou a ser construído nos anos 1930. Uma prova disso são artigos encontrados na Revista do Exército, escritos por militares, médicos e educadores que versam sobre temas como “Educação Física e Educação Psíquica” (1933) escrito por Plínio Olinto, professor do Instituto de Educação e Chefe do Serviço de Profilaxia Mental do Hospital Nacional; “Psicologia e Educação Física” (1935) de Lourenço Filho, paulista, educador e expoente no movimento dos pioneiros da Escola Nova e professor de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal de São Paulo de 1924 a 1930; “A Educação física sob o ponto de vista psicológico”, publicado em 1938, pelo 1º tenente Airton Salgueiro de Freitas que seguiu carreira militar e exerceu funções de instrutor de Educação Física e Desportos da EsEFEx e técnico da equipe brasileira de pentatlo moderno nos Jogos Olímpicos de Londres em 1948, para citar alguns. Neles podemos observar o que estamos considerando um esboço da psicologia do esporte, um início de construção de um discurso onde a psicologia passa a ser citada como referência para a educação física por não considerar a distinção entre os aspectos fisiológicos e psicológicos.

A moderna psicologia do comportamento não mais distingue o fisiológico do psicológico. [...]. Cultura física é cultura psíquica. A harmonia das funções da vida vegetativa trás a harmonia da vida mental. O bem estar corporal produz pensamentos nobres e elevados, desperta a inteligência e aperfeiçoa a moral [...]. (OLINTO, 1935, [não numerado]).

Toda a psicologia atual, definida como ‘ciência do comportamento’ [...] apóia uma ampla compreensão de cultura que não pode separar mais a educação em compartimentos estanques, de exercícios físicos, intelectuais e morais. [...] A psicologia de hoje não separa pensamento da ação. A educação de hoje não pode separar, também, o exercício do corpo, da disciplina, dos valores e do caráter [...]. (LOURENÇO FILHO, 1935, p. 1).

Nesses trechos podemos observar que existe um movimento em prol de uma educação integrada entre pensamento e ação, aspectos físicos, intelectuais e morais, com o objetivo da formação de um homem forte e capaz de bem representar a nação. Sabemos que nas primeiras décadas do século XX os interesses do Estado estavam voltados para a organização do país e a construção de uma identidade nacional. A intelectualidade da época abraçou este projeto voltando suas atenções para os destinos da nação e direcionando suas reflexões para questões sociais. Tal fato ocorre nos diversos setores da escrita, seja acadêmica, romancada, poética ou humorística. O Exército, conclamado a participar desse projeto, busca alcançá-lo a partir da sua Escola de Educação Física.

Este é um processo que se inicia na virada do século e ganha força na década de 1920, com motivações de transformar o Brasil em uma nação desenvolvida e civilizada, portanto, com identidade.

[...] o projeto de organização nacional proposto por Alberto Torres, a campanha civilista de Olavo Bilac e a eclosão generalizada do sentido nacionalista denotam as alterações decisivas pelas quais passava a sociedade brasileira. A partir daí o intelectual é conclamado a engajar-se na organização do estado, na procura da identidade nacional, na criação da nação [...] (PADRÃO, 2003, p. 13).

A cidade do Rio de Janeiro, desde o começo do século XX, era a maior cidade e capital do país em termos demográficos. As transformações atingiam a população através obras na pavimentação e urbanização da cidade, como a derrubada de morros e a construção de novos bairros como Urca e Jardim Botânico, até mudanças de hábitos sociais e higiene como o controle do comportamento das pessoas para o banho de mar. As normas incluíam, além de dias e horários, tipos de vestimentas e limitações das práticas esportivas como a natação. A cidade crescia e precisava se modernizar nos moldes europeus, mas encontrava grandes dificuldades para conciliar os ideais modernos e suas condições sociais.

De acordo com Padrão (2003), eventos como a fundação do Partido Comunista, a Semana de Arte Moderna em São Paulo, a Revolta Militar no Forte Copacabana e a Exposição do Centenário de Independência marcaram os anos 20, mas este último, em função da mobilização e transformação social e estrutural que causou foi mais enfatizado e comentado pelos intelectuais que escreviam nos jornais e revistas de grande circulação da época. O discurso invocando o patriotismo era evidente nos pronunciamentos do presidente Epitácio Pessoa (1919-1922), que acreditava que a comemoração do Centenário seria a síntese de conquistas como o sentimento de autovalorização, de amor e louvor à pátria que começava a surgir.

Nas décadas de 1930 e 1940, esse processo seguiu permeado por outros acontecimentos como o governo de Getúlio Vargas e a Segunda guerra Mundial. Nesse contexto o Exército brasileiro esteve presente em momentos de conflito como mediador entre o governo e a sociedade, voltando-se aos interesses da camada dominante em busca do patriotismo almejado. Na Revista do Exército muitos foram os artigos que versavam sobre temas políticos e sociais principalmente na década de 1930. Exemplos são: “A importância da Educação Física para um povo” (1932), “A Eugenia e a Constituinte, Higiene Prática – o banho de Sol” (1933), “Da Eugenia” (1934), “Homens para o Brasil” (1935).

Isto quer dizer que não era um periódico técnico no sentido dado atual, até porque à educação física eram atribuídos aspectos morais, intelectuais e comportamentais. Vale lembrar que o termo educação física no final dos anos 1930 foi utilizado no sentido de educar o físico. Disciplinar o corpo passou a ser prioridade, e essa educação foi assumida por instituições como o Exército, a Igreja, a escola, e por profissionais como médicos, professores, engenheiros (LENHARO, 1986). A atividade física, portanto, seria o meio pelo qual a educação integrada poderia se consolidar e favorecer a construção do homem forte, saudável e puro, o ideal de homem brasileiro.

A Educação Física na década de trinta se volta para a organização e planejamento baseados na fisiologia com a finalidade de conservar a saúde e a vida. E é por isso que a psicologia passa a ser necessária nesse processo pois, mundialmente já eram bem conhecidos os estudos de William James (1841-1910) sobre as emoções, E. L. Thorndike (1874-1949) sobre a fadiga intelectual e do filósofo H. Bergson (1859-1941) sobre sentimentos. Além disso, sociabilidade também era um objetivo a ser alcançado, pois nas palavras de Lourenço Filho (1935, p. 1), em um artigo desse periódico que equivale ao que chamamos hoje de editorial afirma que,

[...] [a sociabilidade] só pode ser alcançada pelo desenvolvimento da iniciativa, coragem, auto-governo, perseverança, honestidade, senso de justiça, de cooperação, de simpatia e de lealdade, a que os exercícios físicos coletivos são excelentes oportunidades [...].

Lourenço Filho fala aqui de características subjetivas, que são também, claro, sociais, atribuindo à atividade física o ambiente propício a isso. Parece que a psicologia é convidada a fazer parte desse processo como uma ferramenta para que a Educação Física alcance seus objetivos na busca do homem ideal para a nação. Sem dúvida, o que vemos aqui é um primeiro encontro entre saberes novos e diversos, um início da inserção da psicologia no âmbito da atividade física. Nesse primeiro momento, a psicologia é chamada a servir ao Exército visando os ideais nacionais de formação do cidadão brasileiro.

Esse “alistamento” aos poucos favorece uma inserção cada vez mais específica e diferenciada da psicologia no espaço da prática esportiva. Nos anos 1940, os artigos da Revista do Exército ganham um caráter mais técnico em suas temáticas, agora voltadas a especificidades das modalidades esportivas ou às necessidades estruturais para a sua prática. A psicologia – e outras áreas do conhecimento – ganham um lugar de destaque pois também passam a ser consideradas relevantes na prática da atividade física e formação do homem saudável. Importante é que a revista passou a ter uma “sessão de psicologia” em seus números. Cecília Torreão Stramandinoli¹ - assistente da Cátedra de Psicologia Aplicada, ocupada por Carlos Sanchez Queiroz, e Professora Adjunto de Psicologia Aplicada na Escola Nacional de Educação Física (ENEFD) da Universidade do Brasil, hoje UFRJ - foi responsável pela seção de janeiro a março de 1948. Elisa Dias Veloso (1914 -) - uma das fundadoras do Centro de Orientação Juvenil (COJ), no Rio de Janeiro; trabalhou em seleção profissional e na elaboração de testes de nível mental entre os anos 1941-1944 no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), então dirigido por Lourenço Filho – assumiu a seção de psicologia da revista no período de outubro a dezembro de 1950.

Nesta época surge a Revista da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, em 1945. A Escola havia surgido em 1934, mas seu periódico só foi criado dez anos depois. Nessa década os estudos de psicologia no Brasil já haviam avançado em outras áreas, principalmente na educação.

Ao contrário do periódico anterior, este já inicia contendo não só uma seção, mas um departamento de psicologia aplicada, com o corpo docente, seus catedráticos e assistentes, suas disciplinas. Na disciplina de Psicologia, Carlos Sanchez Queiroz e Cecília Torreão Stramandinoli são respectivamente catedrático e assistente. Ambos lecionam no curso e escrevem artigos para a revista esporadicamente. Este periódico ainda não foi explorado, por isso aqui apresentamos apenas informações básicas, mas relevantes.

4. CONCLUSÃO

Portanto, ao contrário do que a literatura atual sobre PE apresenta, sua história não se inicia com a participação de João Carvalhaes nos anos 50, mas de fato ganha uma expressão nacional e estimula a aplicação do fazer psi. Vale lembrar que essa é uma história a ser narrada de acordo com a construção dos eventos e fatos históricos, suas inter-relações e significações, como na visão de Dosse (2003). Não há como olhar o passado senão a partir do presente. Portanto, a narrativa que apresentamos não prioriza uma lógica cronológica linear, embora, em alguns momentos, ela possa aparecer a fim de apresentar uma seqüência compreensível dos acontecimentos.

Nossa busca continua através da análise dos artigos e dos autores desses dois periódicos, na tentativa de entender melhor essa presença ausente na história da psicologia no

¹ Não foi possível encontrar mais informações como data de nascimento e morte de Cecília Torreão Stramandinoli até o momento. O mesmo ocorre com Carlos Sanchez Queiroz.

campo da Educação Física – de onde, seguramente, derivam-se os chamados “esportes”– e sua continuidade ou ruptura com o que hoje denominamos de Psicologia do Esporte.

REFERÊNCIAS

BARRETO, J. A. **Psicologia do Esporte para o atleta de alto rendimento**. Rio de Janeiro: SHAPE, 2003.

COSTA, Hebe C. Boa Viagem A. Resgatando a memória dos pioneiros: João Carvalhaes. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, ano 26, n. 3, p. 15-21, 2006.

DOSSE, François. **A história**. São Paulo: Edusc, 2003.

ELISA Dias Veloso [biografia]. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, DF, v. 18, n. 2, p. 60, 1998. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931986000100012&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1414-9893>. Acesso em: 10 set. 2009.

GEHRINGER, Max. Como a psicologia ajudou o Brasil a ganhar a copa de 1958. **Revista Placar**, São Paulo, n. 6, p. 92-93, 2000. Disponível em: <http://www.abril.com.br/noticia/esportes/no_284935.shtml>. Acesso em: 26 ago. 2009.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papyrus, 1986.

LORENÇO FILHO. Psicologia e educação física. **Revista da Escola de Educação Física do Exército, Rio de Janeiro**, ano 4, n. 23, jun. 1935.

OLINTO, Plínio. Educação física e educação psíquica. **Revista da Escola de Educação Física do Exército**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, fev. 1933.

PADRÃO, Ana Paula. **Um olhar bem-humorado sobre o Rio nos anos 20**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social. Cadernos da Comunicação. Série Estudos, vol.5, 2003.

RÚBIO, Kátia. **Psicologia do Esporte: teoria e prática**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

RÚBIO, Kátia. **Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

RODRIGUES, M.C.P. e AZZI, R.G. (orgs.). **Psicologia do Esporte: trilhando caminhos em busca de iniciação na área**. Baureri/SP: Livraria Universitária, 2007.

SAMULSKI, Dietmar. **Psicologia do Esporte**. Barueri/SP: Manole 2002.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco 1930-1964**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

WAENY, M.F.C.; AZEVEDO, M.L.B. **João Carvalhaes: pioneiro da Psicologia do Esporte**, 2003. Disponível em: <http://www.crp.org.br/crp/memoria/pioneiros/carvalhaes/fr_carvalhaes_artigo.aspx>. Acesso em: 02 de jul. 2009.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Artmed, 2001.